

Maria Esther Maciel. *Pequena enciclopédia de seres comuns*. São Paulo: Todavia, 2021. 112p.

Maria Esther Maciel, nascida em Patos de Minas, em 1963, é professora Titular de Literatura, na Universidade Federal de Minas Gerais. Além do reconhecido trabalho acadêmico que desenvolve como docente e pesquisadora, tem se dedicado, desde 1985, à produção literária, sendo autora de livros de poesia, prosa e crítica. A zoologia está presente no âmbito das investigações da autora que, há muitos anos, voltou-se também para a análise de compêndios zoológicos de diversos períodos, incluindo bestiários medievais, obras de história natural e manuais de zoologia. Em 2016 publicou *Literatura e Animalidade*, e, recentemente, lançou a *Pequena Enciclopédia de Seres Comuns*, organizada de uma forma bastante original.

A textualidade híbrida é um elemento que atravessa o processo criativo da autora, caracterizado por experimentalismos que amalgamam vários gêneros literários. Este aspecto se concretizou, de forma mais explícita, a partir da publicação de *O Livro de Zenóbia* (2004), no qual Maciel mistura poesia, narrativa, e outras modalidades textuais, tais como receitas culinárias, aforismos, listas e verbetes, privilegiando, outrossim, o ritmo e a sonoridade das palavras, além dos aspectos visuais e cinéticos da linguagem. *Zenóbia*, desde então, tornou-se uma referência constante na produção acadêmica e literária da autora, especialmente no campo da zoologia, botânica e hagiografia, de modo que as listas e verbetes que organiza têm sempre um viés “zenóbico”. Essa influência também se projetou na composição da *Pequena Enciclopédia de Seres Comuns*, livro dedicado a “Zenóbia, minha zoóloga/botânica de estimação” (MACIEL, 2021, p. 7), que assim é apresentado ao leitor:

Este livro talvez não exista. Ou melhor: sua inexistência é o que, provavelmente, o justifica enquanto livro. Foi escrito por uma bióloga que não é bióloga, mas finge ser uma, na medida do impossível. Já os seres vivos nele incluídos – todos classificados segundo certas peculiaridades de seus

nomes comuns – têm uma realidade irrefutável: seja pela ciência, pela literatura ou por nenhuma das duas (MACIEL, 2021, p. 5).

Na *Pequena Enciclopédia de Seres Comuns* estão listados 76 verbetes, organizados em quatro partes principais, intituladas como “Marias”, “Joões”, “Viúvas e viuvinhas” e “Híbridos”. No breviário constam seres de distintas naturezas, tanto do reino animal como vegetal. Após a menção do nome como são popularmente conhecidos, seguida pela nomenclatura científica, recebem uma breve, porém detalhada, descrição, na qual a autora associa às características reais de cada ser os seus traços subjetivos.

O processo criativo da autora foi despertado pelos nomes dos seres que compõe o breviário. Ao iniciar a catalogação, Maciel organizou uma listagem de inúmeros insetos, animais e plantas, em conformidade com o critério onomástico. Posteriormente, a sua investigação sobre os seres incluiu a pesquisa em livros de biologia, herbários, enciclopédias, volumes de história natural, sites especializados em aves e insetos, dicionários, além de trabalhos acadêmicos nas áreas de zoologia e botânica, que foram consultados nos bancos de teses disponíveis nos sites das universidades.

A natureza poética presente na composição do livro mostra o quanto Maciel se ateu ao aspecto sensorial da escrita, pois as frases são construídas de modo ritmado. Para compor os verbetes sobre as aves, a autora pesquisou gravações de cantos de pássaros, com o propósito de incorporar, no texto, alguns sons. Assim, para Maciel, o exercício de imaginar o que se passa na dimensão íntima de vários destes seres tem relação com a poesia. No conjunto da escrita, a poesia é atravessada por outras formas de registro, como a linguagem técnica, a descrição, e as sutis remissões a obras literárias.

Maciel principia o breviário pelas “Marias”, que sempre vêm sucedidas de um segundo nome, a partir do qual o verbete é desenvolvido. As inúmeras personalidades das dezoito “Marias”, descritas entre a “Maria-barulhenta” e “Maria-vai-com-as-outras”, antecedem aos “Joões”, que são dezesseis. A qualidade lúdica do imaginário popular é razão pela qual os nomes “Maria” e “João” sempre foram utilizados para designar plantas e animais. Conforme as palavras da autora: “Quando comecei a pesquisar esses nomes nos livros de zoologia e botânica, fiquei surpresa com a quantidade de marias e joões. Eu me diverti muito, pois vários nomes são engraçadíssimos. Adorei encontrar as

justificativas para essas designações e descobrir como uma mesma espécie pode ter vários nomes populares, dependendo da região” (MACIEL, 2021, p. 2).

As “Viúvas e viuvinhas”, que também são dezesseis, constituem um capítulo à parte, o qual apresenta seres muito diversificados, entre pássaros, peixes, plantas e insetos. Para criar o capítulo “Híbridos”, o qual reúne os vinte e seis seres mais incomuns do breviário, a inspiração foi proveniente dos manuais de zoologia fantástica, sendo *O livro dos Seres Imaginários*, de Jorge Luís Borges, a principal referência. Todavia, é perceptível que a autora procurou se basear, sobretudo, na zoologia e botânica da realidade, e não na mitologia ou no mundo onírico. A seção dos seres híbridos foi organizada em conformidade com os nomes comuns de animais e plantas que já haviam sido catalogados pela ciência, de modo que o hibridismo recaia, inicialmente, nos nomes pelos quais são conhecidos popularmente. Cada ser, em particular, tem características de outros, advindos do reino animal ou vegetal, o que justifica os seus nomes híbridos.

A tonalidade descritiva utilizada por Maciel para apresentar os seres contém elementos como o lirismo: “Os poetas dizem que, além de soturno, ele é um desses seres que possuem a alma turva” (“João-dias”, p. 45); a sensibilidade: “Os olhos de canela, envolvidos num leve amarelo, enxergam o que não vemos, durante o outono” (“Maria-barulhenta”, p. 15); a delicadeza: “Consta que traz serenidade aos que a rodeiam” (“Viuvinha do amor-agarradinho”, p.60); e o humor discreto: “E se a viúva depois o come (o parceiro), é porque ele já está morto e, ela, com fome” (“Viúva-negra”, p. 68). Inclui, por vezes, uma sutil crítica ao descaso da sociedade para com a natureza: “Mas os seus verdadeiros inimigos são os humanos, que devastam as matas, transformam-nas em pasto, ou traficam os macacos para não se sabe onde” (“Mico-leão”, p. 90).

Cada ser descrito é seguido por sua respectiva ilustração, de autoria de Júlia Panadés, com a qual Maciel estabeleceu uma parceria para a composição da *Pequena Enciclopédia de Seres Comuns*. Após reunir um conjunto de verbetes, estes eram enviados a Panadés, cujos desenhos imprimem o entrelaçamento entre os registros que provêm tanto do âmbito da ciência quanto da ficção. De acordo com a declaração da autora: “Ela realmente entrou no registro do livro e articulou as ilustrações científicas com a imaginação poética; o mesmo movimento que eu havia feito no texto, ela fez na

feitura dos desenhos. Percebeu de imediato a lógica que atravessava o trabalho” (Maciel, 2021:4).

Embora a organização metodológica de obras de literatura fantástica como *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, e *O Livro dos Seres Imaginários*, de Jorge Luís Borges, tenham inspirado a estrutura da *Pequena Enciclopédia de Seres Comuns*, a grande maioria dos seres que se fazem presentes nas páginas do breviário de Maciel é real, possível de ser encontrado na fauna e na flora. Os poucos seres inventados, contudo, não têm uma existência improvável, uma vez que o breviário não abriga criaturas fantásticas. Entre as invenções da autora encontra-se, na seção dedicada às “Marias”, a Maria-vai-com-as-outras (*Maria mariensis*) (p. 32), que é descrita como uma “humana solidária” que, “se vai com as outras marias, é sobretudo para ajudá-las”. Entre os “Joões”, a criação foi o João-doidão (*Ancognatha ignis*) (p. 46), habitante das cercanias de algumas tribos indígenas do Amazonas, que possui, como característica peculiar, a capacidade de soltar faíscas quando se enfurece, as quais “podem incendiar todo o entorno do lugar onde se encontra”. Na parte das “Viúva e viuvinhas” foi ficcionalizada a Viuvinha-humana (*Homo sapiens viuvensis*) (p. 66), que se encontra triste, embora não seja detentora deste estado de espírito, e cujo aparente desespero, visto por outros humanos, “não existe senão como uma saudade doída do que foi irreversivelmente perdido”. Na ilustração de Panadés é possível visualizar a representação da imagem da própria autora, em seu exercício de escrita. Por fim, na seção dos seres “Híbridos”, inspirada em um ser imaginado por seu filho Ricardo, autor de romances de fantasia, Maciel criou a “Lagarta-dama-do-mato” (*Homo sexilineata florensis*) (p. 89), apresentada como “réptil com feições humanas que vive nas matas litorâneas”. Nesta mesma seção há uma referência intertextual à ficção de J.D.Salinger, mais especificamente ao conto “A perfect day for Bananafish”, originalmente publicado na revista *The New Yorker*, em 1948, e, depois, reunido na coletânea *Nove Histórias*. O conto de Salinger, assim, inspirou a inserção do “Peixe-banana” (*Acipenser sapientum*): “Segundo um escritor americano de renome, ele também possui um apetite invejável, que o leva a mergulhar num buraco cheio de bananas, com as quais se refestela para além do limite de sua fome” (Maciel, 2021: 94).

De forma bastante original, a autora encerra o breviário com um último tópico, intitulado como “Et cetera”. Maciel poderia ter optado em justificar para o leitor as

razões pelas quais as suas listas de verbetes não englobam, por hora, todos as “marias”, “joões”, “viúvas e viuvinhas” e seres “híbridos” existentes. Escolhe, ao invés disso, incluí-los no potencial ilimitado do “et cetera”:

Esta pequena enciclopédia não termina aqui. Muitos outros seres poderiam ocupar suas páginas, já que as marias, os joões, as viúvas e viuvinhas, os híbridos animais e vegetais se multiplicam em diferentes reinos, famílias e espécies do mundo natural. Os que não foram incluídos se fazem aqui presentes de alguma forma, graças às potencialidades do et cetera – essa categoria inclassificável que contém aquilo que falta, sobra ou ainda não foi inventado (MACIEL, 2021, p. 109).

Maciel mostra que a interface entre literatura e biologia permite, simultaneamente, adentrar-se na esfera do que existe enquanto força vital no mundo real, de modo que essa experiência se transforme, também, em palavras vivas. A considerar que a biologia investiga a natureza pela perspectiva da ciência, a literatura tem força para transfigurar e materializar, por intermédio da ficção e dos recursos da linguagem poética, os conhecimentos biológicos em histórias, imagens, reflexões de natureza crítico-criativa e sensações.

A atividade criativa que Maciel desenvolve para compor a *Pequena Enciclopédia de Seres Comuns* configura-se como um exercício de intensa alteridade, expresso na forma como a autora examina e descreve a personalidade e o comportamento de cada ser, consoante ao habitat ao qual pertence. Maciel, entretanto, não desejou transformá-los em símbolos, metáforas ou alegoria da existência humana. Nessa perspectiva, é possível verificar que, se em vários verbetes os seres possuem traços que poderiam se assemelhar aos humanos é porque a autora compreende que é inacessível adentrar-se na dimensão subjetiva das alteridades não-humanas. Por conseguinte, não se pode entender e descrever, com exatidão, a maneira como eles percebem ou sentem a vida que os circunda. Neste ponto, mostra que é papel de quem escreve exercitar a imaginação e empatia para investigar as individualidades não-humanas. Por essa razão, os seres que compõe o breviário criado por Maciel são tratados como sujeitos que possuem, cada um ao seu modo, conhecimentos próprios a respeito do mundo que vivem.

Referências

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Italo. *Le città invisibili*. Milano: Oscar Mondadori, 2013.

CASSESE, Patrícia. Maria Esther Maciel lança breviário de seres reais e imaginários. *O Tempo*, Belo Horizonte, 12/06/2021. Literatura. Disponível em: <<https://otempo.com.br/diversao/maria-esther-maciel-lanca-breviario-de-seres-reais-e-imaginarios>> Acesso em: 07/10/2021.

MACIEL, Nahima. Quando a literatura encontra a zoologia. *Correio Brasiliense*, Brasília, 25/06/2021. Leio de tudo. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/leiodetudo/literatura-zoologia-maria-esther-maciel>> Acesso em: 07/10/ 2021.

MELO, Tarso de. “Escrever, nesta hora do mundo, é atravessar as fronteiras de nossa própria humanidade”. *Cult*, São Paulo, 14/08/2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/maria-esther-maciel-entrevista>> Acesso em: 07/10/ 2021.

SALINGER, J. D. *Nove histórias*. Trad. Caetano Galindo. São Paulo: Todavia, 2019.

Tatiana Prevedello

Doutora em Letras (UFRGS)